

AS ABREVIATURAS EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII
DA CAPITANIA DA BAHIA:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maria Ionaia de Jesus Souza (UNEB)

ionaiasouza@yahoo.com.br

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UEFS)

zenaide.novais@gmail.com

RESUMO

Esta comunicação faz parte de um projeto maior, relacionado à temática indígena da capitania da Bahia do século XVIII, cujo objetivo é fazer a edição diplomática de manuscritos pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino (AHU). O *corpus* de análise para este trabalho é constituído por documentos que fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. Por volta do aniversário dos 500 anos de Brasil, o Arquivo Histórico Ultramarino disponibilizou documentos históricos referentes à História do Brasil Colonial em arquivos de diversos países europeus e, em especial, de Portugal, microfilmados e transpostos em CD-ROM, veiculados pelo Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco (ou Projeto Resgate). Várias instituições brasileiras foram contempladas com parte desse valioso acervo digital. Desses documentos disponíveis, elegeram-se vinte e dois para serem editados diplomaticamente, a fim de facilitar a sua leitura, considerando-se a importância do século XVIII para a história do Brasil, em especial a da Bahia. Valendo-se da cópia microfilmada e da edição diplomática desses documentos, este trabalho tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre as abreviaturas presentes na documentação editada, em busca de informações sobre a escrita no Brasil no período em que o texto foi escrito, para se compreenderem as possíveis relações socioeconômicas, culturais, linguísticas e históricas do Brasil-Colônia, e contribuindo, assim, para um melhor entendimento da configuração da escrita, do período supracitado, no chamado português brasileiro.

Palavras-chave: Abreviatura. Século XVIII. Bahia. Diplomática.

É possível se observar hoje nas redes sociais um uso recorrente de termos abreviados, o “internetês”¹¹, um novo tipo de linguagem que tem como principal objetivo ganhar tempo e conversar com o maior número de pessoas possível. Marconato (2006, p. 22) classifica o “internetês” como “um conjunto de abreviações de sílabas e simplificações de palavras que leva em conta a pronúncia e a eliminação de acentos”, como se pode verificar no *Quadro* abaixo:

¹¹ Observa-se que o termo já figura como subtema em alguns dicionários brasileiro de referência, a exemplo de Sacconi, 2011.

INTERNETÊS	CORRESPONDÊNCIA NA NORMA PADRÃO
vc, VS	Você
Xau	Tchau
Kbça	Cabeça
ñ, naum	Não
Hj	Hoje
Aki	Aqui
Fmz	Firmeza
Abç	Abraço
Eh	E
Bj	Beijo
9da10	Novidade
Flw	Falou

Quadro 1 – Internetês e a correspondência na norma padrão.

Curioso é perceber que essas abreviaturas parecem ser motivadas extremamente nos dias atuais. Para os jovens, acostumados com essa linguagem, o mais importante quando se está conversando virtualmente é se fazer entender e, mais do que isso, da maneira mais rápida.

No obstante a realidade de hoje, é relevante perceber que as abreviaturas foram importantes em vários períodos da humanidade.

Na Roma antiga, por exemplo, um escravo liberto que pertencia a Cícero, de nome Tiro, anotava seus discursos através de sinais, notas tironianas (ou taquigráficas), usadas desde o Império Romano até o século X (cf. BERWANGER & FRANKLIN, 1995, p. 64). Nesse período, como o costume era transcrever os discursos orais em tempo real, usava-se uma escrita desenvolvida com o objetivo de ser tão rápida quanto à fala.

Nota-se que no período em foco o uso de abreviaturas era recorrente, quer pelo custo elevado de material de escrita, da tinta e do suporte, quer pela necessidade de registrar com rapidez os discursos proferidos oralmente.

Na Idade Média a situação não era muito diferente. Os livros eram escritos por copistas, à mão, e a escrita precisava ser reduzida. Essa redução era feita através de símbolos, sinais e abreviaturas no lugar dos vocabulários. Era um trabalho cansativo, mas o principal objetivo era de ordem econômica uma vez que a tinta e o papel eram caríssimos. O preço de um Código Penal, por exemplo, segundo Silva Neto, chegava a custar 17 bois, ou 50 porcos, ou 200 carneiros, por volta do século XVIII.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Para Flexor (2008, p. XI), a proliferação das abreviaturas se explica por dois motivos: ocupar menos espaço, devido à raridade e consequente alto custo do material utilizado para a escrita, e economizar tempo escrevendo mais depressa. Spina (1994, p. 49-50), salienta que em fins da República romana esse uso excessivo desencadeou medidas que condicionavam o uso de abreviaturas, embora não surtindo efeito. Entretanto, durante o Renascimento, com a utilização da letra cursiva o uso exagerando diminuiu, mas “o hábito das abreviaturas continuou, a ponto de, para as obras jurídicas, serem até publicadas tábuas especiais para a leitura das siglas”.

Tomando como ponto de partida a proposta de Cruz (1987, p. 81-101), as abreviaturas podem ser classificadas, segundo a natureza do sinal abreviativo, em:

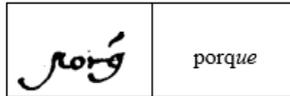
- a) Abreviatura por sinal geral;
- b) Abreviatura por sinal especial;
- c) Abreviatura por letra sobreposta.

O *corpus* de análise para este trabalho é constituído por documentos que fazem parte do acervo do AHU, em Lisboa. Por volta do aniversário dos 500 anos de Brasil, o AHU disponibilizou documentos históricos referentes à História do Brasil Colonial em arquivos de diversos países europeus e, em especial, de Portugal, microfilmados e transpostos em CD-ROM, veiculados pelo *Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco* (ou Projeto Resgate). Várias instituições brasileiras foram contempladas com parte desse valioso acervo digital. Desses documentos disponíveis, elegeram-se vinte e dois para serem editados diplomaticamente, a fim de facilitar a sua leitura, considerando-se a importância do século XVIII para a história do Brasil, em especial a da Bahia.

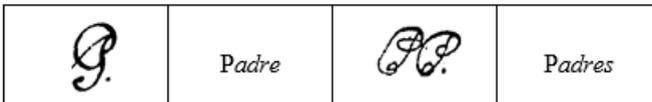
Valendo-se da cópia microfilmada e da edição diplomática desses documentos, este trabalho apresenta algumas considerações sobre as abreviaturas presentes na documentação editada, em busca de informações sobre a escrita no Brasil no período em que o texto foi escrito, para se compreenderem as possíveis relações socioeconômicas, culturais, linguísticas e históricas do Brasil colônia e contribuindo, assim, para um melhor entendimento da configuração da escrita, do período supracitado, no chamado português brasileiro.

Os documentos editados apresentam, não tão abundantemente, uma lista de abreviaturas, conforme sua classificação, como mostram as imagens a seguir.

- a) *Supressão* de elementos finais da palavra (apócope):



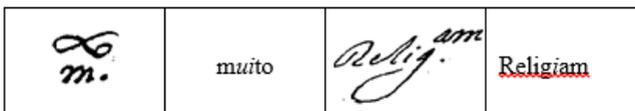
- b) *Sigla*, conforme Spina (1994, p. 50), “o processo mais antigo de abreviação por suspensão ou apócope, e seu uso, se manteve durante toda a Idade Média”. Consiste na representação da palavra pela letra inicial maiúscula, seguida de ponto. Segundo Flexor (1990: XII), podem ser de três tipos: *siglas simples*, quando indicadas apenas por uma letra; *siglas reduplicadas*, quando a letra é repetida para significar o plural das palavras representadas; *siglas compostas*, formada por duas ou três primeiras letras da palavra ou pelas letras predominantes no vocábulo:



- c) *Contração ou síncope*, ou seja, supressão das letras no meio do vocábulo:

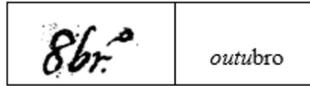


- d) *Letras sobrescritas*: sobreposição da última ou das últimas letras da palavra:



XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

- e) Abreviaturas numéricas: constituem as abreviaturas de numerações, designativas de ordem, divisão e meses do ano:



Mesmo para quem tem o hábito de leitura de textos antigos, muitas vezes torna-se difícil interpretar as abreviaturas existentes num dado texto em função de não se conhecer a idiosincrasia ortográfica do escriba. Autores como Megale e Toledo acreditam que o desenvolvimento das abreviaturas deve obedecer aos seguintes critérios: “respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito”, evitando-se, dessa maneira, intervenções da língua do editor sobre a língua do texto, e “no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual”. (MEGALE & TOLEDO NETO, 2006, p. 147)

Como visto, as abreviaturas são utilizadas desde a antiguidade, passando pela Idade Média e, com o advento da tecnologia, embora se pudesse aventurar a possibilidade do seu desuso, novas condições sociais e econômicas ampliam ainda mais sua utilização, expandindo-se com rapidez e muitas dessas inovações já fazem parte da linguagem escrita nos dias atuais. Veja-se que este trabalho, como convém metodologicamente, faz uma lista de abreviaturas.

As reflexões apontadas acima mostram que as abreviaturas, tema bastante relevante, sobretudo para quem trabalha com edições de manuscritos de textos antigos, são de grande importância no processo de escrita desses textos e continuam marcando seu espaço na atualidade, a exemplo das inovações promovidas pela linguagem da *internet*.

Vale ressaltar que uma boa leitura filológica se faz mediante um conhecimento preciso do sistema braquigráfico. Em virtude dessa importância, foi feito um glossário de todas as abreviaturas encontradas na documentação editada, conforme listagem a seguir.

A
<p><i>Alv.</i> (Alvarez) <i>Alv.</i> (Alvarez) <i>Ant.º</i> (Antonio)</p>
B
<p><i>B.a</i> (Baia)</p>

C
<p><i>Cavilhosam.</i> (Cavilosamente) <i>Cide</i> (Cidade) <i>Col.º</i> (Collegio) <i>Comar.º</i> (Comprio) <i>Cons.º</i> (Conselho) <i>Cons.</i> (Conselho) <i>Cono.º</i> (Convento)</p>

D

Ds. (Deus)

Dez. (Dezembro)

ds. cum. (documentos)

Da (dita)

Da (dita)

ds (ditos)

E

embos (embargos)

Et (etc.)

Est. (Estado)

ex. Del (exprovincial)

F

Faz. (Fazenda)

Fz (Fernandez)

Ff (Ferreira)

Fev. (Fevereiro)

F (Frei)

G

G.al (Geral)

g.e (garde)

g.ee (grande)

H

Não houve ocorrência.

I

Igr.a (Igreja)

J

Just.a (Justiça)

L

Não houve ocorrência.

M

m. (muito)

N

Novo (Novembro)

O

A.^o (ofício)
8br.^o (Outubro)

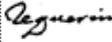
P

P. (Padre)
P. (Padre)
P. (Padre)
P.^e (Padre)
P.P. (Padres)
Pern.^o (Pernambuco)
pi.^o (piedade)
P.^a (primeira)
P.^a (primeira)
prim.^o (primeiro)
principal.^{te} (principalmente)
pres.^{te} (presente)
porq (porque)
Prov.^{or} (Provizor)
prop.^{or} orionadam.^{te} (proporcionadamente)
Pro.^{or} (provedor)
Pro.^{or} (Procurador)

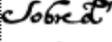
Q

 (que)
 (que)

R

 (Religião)
 (Religiosos)
 (Rendimento)
 (Requerimento)
 (Ribeiro)

S

 (Santo)
 (Sargento)
 (Senhor)
 (Senhor)
 (Sobreditos)
 (Sua Magestade)
 (Superior)
 (Superior)
 (Supplicantes)

T

Não houve ocorrência.

U

Não houve ocorrência.

V
<p><i>Vice</i> (Vice)</p> <p><i>violenta^{te}</i> (violentamente)</p> <p><i>Vlt.</i> (Vitramarino)</p> <p><i>VMag.^e</i> (Vossa Magestade)</p>
X
Não houve ocorrência.
Z
Não houve ocorrência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. Santa Maria: Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, 1991.

CRUZ, Antônio. *Paleografia portuguesa*. Porto: Universidade Portucalese, 1987.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MARCONATO, Sílvia. A revolução do internetês. *Língua portuguesa*. São Paulo: Segmento, n. 5, p. 22-29, mar. 2006.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (Orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. São Paulo: Ateliê, 2006.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.